

**A CHARGE ENQUANTO GÊNERO DISCURSIVO
NO ENSINO MÉDIO****THE CHARGE AS GENDER DISCURSIVE MIDDLE SCHOOL**Fernanda de Moura Ferreira ¹
Maria da Penha Casado Alves ²**RESUMO:**

O ensino de Língua Portuguesa tem por base o desenvolvimento e aprimoramento das quatro competências necessárias para um bom desempenho linguístico: falar, ouvir, escrever e ler. Assim, o ensino da língua deve convergir suas atividades para o refinamento/ampliação desses saberes. Sendo assim, orienta-se que as práticas de leitura e escrita devam acontecer via o estudo do gênero, tendo em vista os resultados positivos de diversas investigações em campo sobre o tema e de uma vasta literatura que visa explicitar seus benefícios. Assim, este artigo intenciona apresentar uma proposta de leitura e produção do texto chargístico na trilha do gênero discursivo para uma turma de primeiro ano do ensino médio, explorando aspectos ligados ao momento imediato de produção do enunciado, intencionalidade, vozes e arquitetônica do gênero a ser trabalhado.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Materna. Gênero Discursivo. Charge.

ABSTRACT:

The teaching of Portuguese language is based on the development and improvement of the four skills needed for a good linguistic performance: speaking, listening, writing and reading. Thus, language teaching should converge its activities in refining / broadening of knowledge. So it guides that reading and writing practices should happen via the study of its kind, given the positive results of several investigations in the field on the topic and a vast literature that seeks to explain its benefits. Starting from what has been said, this article intends to submit a proposal for reading and production of picture text in the speech genre track for a first-year high school class, exploring aspects related to the immediate moment of production of the statement, intentionality, voices and architectural genre being worked.

KEYWORDS: Maternal Language Teaching. Discourse genre. Charge.

¹ Professora efetiva da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte e aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. E-mail: Fernanda_potiguar@yahoo.com.br.

² Professora doutora efetiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: Penhalves@msn.com.

INTRODUÇÃO

O uso do gênero discursivo entra na sala de aula por diversos caminhos, entre eles pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e diversas pesquisas que se detêm ao estudo da relação entre gênero e educação. Observa-se que a “recomendação” feita nos PCN tornou-se lei nos últimos anos, apesar de não serem recentes. Dessa forma, gerou-se certo desconforto em alguns professores habituados a trabalhar de uma maneira tradicional ou mesmo que, de certo modo, não tinham um conhecimento mais profundo no tema ou mesmo o desconheciam por completo, acarretando, em muitos casos, em uma “tradicionalização” do estudo do gênero que levava a caminhos outros do proposto pelo documento oficial.

A reclamação de muitos docentes era de que houve uma imposição que não veio acompanhada de uma metodologia ou mesmo de um como trabalhar, tornando, assim, interessantes e pertinentes propostas de trabalho tendo por base o gênero discursivo por ser ele ferramenta pedagógica.

Sendo assim, este trabalho se dispõe a apresentar uma proposta de trabalho com o gênero discursivo charge, atentando para questões relativas ao momento imediato de produção do enunciado (relação entre o texto e seu entorno de modo a vislumbrar possíveis motivações para sua origem e como o externo entre na dinâmica textual), intencionalidade (observação das pretensões do autor ao produzir o enunciado), vozes (diferentes dizeres que podem ser encontrados no texto) e arquitetônica do gênero (elementos que compõem o enunciado a ser trabalhado).

O aporte teórico utilizado para embasar este trabalho advém das reflexões sobre linguagem feitas pelo Círculo de Bakhtin no tocante a língua, gênero discursivo, enunciado e vozes; e de Ramos e outros com relação à charge.

Esta pesquisa adota uma pesquisa qualitativa por se estar lidando com a construção de sentidos em textos que circulam no social e enquadra-se na área de investigação da Linguística Aplicada devido a investigar uma prática de linguagem no social.

Com vocês: a charge!

A charge é um gênero discursivo que se utiliza tanto da linguagem verbal quanto da não verbal e, por vezes, apresenta apenas o não verbal. Exige uma interpretação que extrapole os limites do verbal devido a tudo na charge ser “recheado” de sentido, necessitando, portanto, de uma leitura para o visual. Segundo Ramos (2010), a charge é um texto ligado ao noticiário que, em geral, apresenta pessoas reais em forma de caricatura e recria, de certa forma, o fato noticiado de forma ficcional, estabelecendo relação dialógica com a notícia. Dentre outras características desse gênero, podemos citar o caráter extremamente situação do texto por ele entrar em diálogo com o “fato do dia”, assim como a notícia que tem vida curtíssima pela velocidade dos acontecimentos a charge também tem vida útil curta, ao remeter a fatos do cotidiano. Sua atualidade é um dos traços diferenciais entre a charge e outros gêneros que também se utilizam das modalidades do verbal e não verbal, como a tirinha e o cartum. Outra característica do texto chargístico é o seu caráter fortemente crítico, uma vez que ele retrata um

fato do cotidiano de maneira fortemente opinativa, emitindo juízo de valores sobre o acontecimento por meio da construção textual. Tudo na charge retrata esse posicionamento frente aos fatos, suas cores, traços, ironia, caricaturas, entre outros. A opinião é traço constitutivo desse gênero. A criatividade é outro traço marcante e um de seus atrativos, o que chama a atenção do público em geral. Por apresentar modalidade não verbal, ser criativa, curta e, acima de tudo, cômica, risível é que a charge faz tanto sucesso nos jornais, sejam eles impressos ou online, na internet, por haver sites que tem por conteúdo exclusivamente a charge, e nas salas de aula, servindo de pretexto para o ensino de gramática e também como exercício de argumentação e interpretação textual.

O traço cômico próprio da charge é uma de suas estratégias constituintes e um dos responsáveis por seu sucesso. Ele, porém, não é ingênuo e faz parte do eixo valorativo desse gênero, pois o riso é apresentado como uma concepção de mundo. Esse riso é muito particular em relação ao que aparece em outros gêneros discursivos, pois não é de descontração ou de amabilidade, contudo de sarcasmo, corrosão, rebaixamento, não é, então, um riso de graça, mas um riso que traz em si um alto valor axiológico e ele mesmo compõe esse axiológico. Não se pode fechar os olhos para a realidade avaliativa que a charge apresenta, mas percebê-la por meio da composição.

Tais características já foram percorridas por diversos pesquisadores que estudaram a questão da charge sob diferentes prismas e em diversas áreas do conhecimento. A definição de charge também já foi desenvolvida por muitos e as motivações para tanto ser estudada são as mais variadas. Nogueira (2003), por exemplo, reflete sobre a charge em trabalho intitulado “a charge: função social e paradigma cultural” e diz que “enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de ideias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo ao momento exposto na relação dos personagens”. Outro traço da charge é a síntese, apesar de atualmente haver charges que se desenrolam como mini vídeos animados e terem bem mais quadrinhos que a charge tradicional que, em geral, aparece em apenas um ou, no máximo, dois quadrinhos. Isso se deve à mudança de suporte uma vez que um jornal impresso não abarca esse novo formato da charge online. No suporte do jornal, Cavalcanti (2008) nos indica que

A charge encontra-se na página de opinião, de editoriais, ou mesmo na primeira página dos jornais porque transmite informações que envolvem fatos, mas é, ao mesmo tempo, um texto crítico e humorístico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, as charges representam figuras com possibilidades existentes no mundo real. Assim, na maioria delas, são utilizadas caricaturas e símbolos e não desenhos lúdicos, fantasiosos. Em sua construção, é necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado (p. 38).

Desta forma, a charge é vista como um gênero jornalístico, entretanto não apenas pelo fato de ter o jornal como suporte e sim por ser um texto noticioso, pois concomitantemente ao juízo de valor que emprega sobre uma temática informa o ocorrido ao leitor. O trecho supracitado também traz informações a respeito do não verbal expresso na charge, reiterando o que já falamos anteriormente sobre os elementos constitutivos desse gênero e traz-nos a informação de que os elementos composicionais devem ser identificados para que haja uma

compreensão plena, caso contrário haverá um comprometimento semântico. Para lermos uma charge é necessário muito mais que o linguístico que nela aparece, é preciso estar a par do que está acontecendo no cenário nacional e local, ou seja, saber dos fatos, conhecer minimamente informações sobre os sujeitos envolvidos. Identificar as relações estabelecidas pela charge com os diversos discursos que circulam no social, remetendo ao nosso conhecimento de mundo e estabelecendo as relações necessárias para que se possa perceber a crítica e o tom valorativo que o gênero veicula. Também é preciso reconhecer os personagens caricaturados, as imagens e símbolos para uma compreensão global e o diálogo intratextual que se estabelece.

Em suma, a charge é uma maneira marcadamente valorativa de agir no mundo através da linguagem, de ver os fatos do cotidiano de modo crítico e cômico. Apesar de ser um gênero refinado, em razão de se fazer uma crítica contundente em pouquíssimas palavras, de forma criativa, cômica, sintética e recorrendo ao texto imagético, pode-se dizer que a charge é um gênero de massa por sua larga divulgação nos jornais, na internet e, inclusive, em programas televisivos, atingindo, assim, um grande público das mais variadas camadas sociais e alcançando seus objetivos, expressar opiniões sobre os fatos.

GÊNERO DISCURSIVO: uma concepção bakhtiniana para a sala de aula

A terminologia redação para classificação da atividade de produção textual dentro da sala de aula cede lugar à concepção de gênero de discurso. Esse processo de escrita deve ser visto e proposto para os alunos como forma de comunicação, já que para cada atividade comunicativa usamos gêneros diferentes, ou seja, criamos diferentes formas de textos. Outro mérito dessa concepção é o fato dela suprir a necessidade de classificação da multiplicidade de textos produzidos em qualquer forma de comunicação seja oral ou escrito. Por isso, o uso desse conceito passou a ser indicado para uso nas escolas brasileiras, sendo requisito para nortear as aulas de produção textual. Assim, vejamos o que os parâmetros curriculares nacionais nos falam sobre tal temática:

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (BRASIL, 1997, p. 28).

O gênero discursivo, segundo Bakhtin, viabiliza o processo comunicativo. O ato de comunicação se concretiza por meio de enunciados que é a efetuação da língua, concretos e únicos. Os enunciados são irrepetíveis, pois acontecem em uma situação única, um tempo e espaço que jamais se repetirá (cronotopo). Além do que, a concretização da comunicação, ou seja, a fala é produzida por um —ser individuall que molda o discurso, produzido por ele, por

meio da seleção do conteúdo temático, estilo e construção composicional, e todas essas escolhas são marcadas pela especificidade de uma esfera de comunicação.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 1997, p. 280).

A grande dificuldade da classificação dos textos é a sua instabilidade e dinamicidade com o qual se modificam. Por isso, o diferencial da concepção do gênero discursivo é ele não impõe modelos para a classificação de cada gênero, pois se sabe que a variedade de gêneros do discurso é vasta já que a atividade humana é inesgotável. Embora os considere como enunciados relativamente estáveis, ou seja, possuem características em comum predeterminadas pela esfera social que tem por finalidade atingir o seu ouvinte.

A elaboração do discurso para a atividade comunicativa não pode ser dissociada de seus falantes, de seus atos, das esferas sociais e dos valores ideológicos. Nessa perspectiva, os gêneros são classificados quanto à função comunicativa, intenção comunicativa, público-alvo, esfera de circulação e formato composicional, que são perceptíveis no ato de interação entre falante/ouvinte.

Proposta

Esta proposta se lança ao primeiro ano do Ensino Médio em razão de ser início de uma nova etapa de estudos mais aprofundados e que poderia visar a inter-relação entre os diversos componentes curriculares, pensando já no ENEM que visa tal integração. Também por iniciar a fase de término da educação básica, subentendendo-se, dessa maneira, de que os alunos desse nível estejam prontos a visualizar questões que ultrapassem o estritamente linguístico, passando a ver a linguagem como uma prática da nossa vida diária, que compõe as relações sociais e intermedia a interação entre sujeitos socialmente organizados. Então, questões como contexto imediato de produção são importantes para que tal natureza da linguagem possa ser vista pelos alunos, levando-os a refletir sobre a importância e papel de um bom desempenho linguístico em nossa sociedade.

Eis a charge:



Inicialmente, faz-se necessário levar os alunos a identificar os elementos que se encontram na charge: objetos, personagens, o que eles acham que tais desenhos fazem aí. Isso é de fundamental importância para o desenvolvimento não apenas de uma interpretação mínima, mas de uma educação visual já que terão de investigar desenhos, traços, cores, etc. A mediação nesse momento deve deixar que o aluno perceba por ele mesmo os detalhes, tentando fazer a ligação entre os elementos intra-textuais. Após um contato inicial, é preciso explicitar o contexto imediato.

Assim, o enunciado acima foi publicado no dia 20 de setembro de 2011 e dialoga diretamente com um acontecimento de nível mundial: a assembleia geral da ONU, realizada no dia 19 de setembro de 2011, véspera da publicação da charge. Atentando para o fato de que o enunciado chárigo estabelece uma relação dialógica com fatos noticiosos, a charge em análise se concatena com a assembleia por ela ter sido noticiada na mídia internacional. O enunciado em análise tem por cenário o discurso feito por Dilma em 2011 em Nova York em razão da abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas. Cria-se uma imagem da presidenta enquanto mulher poderosa ouvida pelo mundo inteiro e representante de todo o seu gênero, recobrando-se ideologicamente de modo muito forte por haver uma representação valorativa positiva por ser uma conquista feminina de espaço em um lugar antes ocupado apenas por homens, sendo uma espécie de consagração de todo o gênero frente às lutas historicamente registradas em busca de igualdade entre os sexos. Tal imagem é delineada através do próprio discurso da presidenta que traz a voz do feminismo para dentro de sua fala e, entre outras coisas, defende uma maior participação feminina em todos os segmentos sociais, afirmando que este século será das mulheres ao ressaltar as conquistas realizadas ao longo do tempo, referindo-se o trecho verbal diretamente a essa parte do discurso.

Além do contexto político internacional que aparece, há a presença de um contexto político nacional brasileiro que desponta no enunciado por meio do imagético, especificamente pela figura de José Sarney o qual figura entre um dos mais influentes nas decisões do Governo Federal, conforme o discurso circulante de uma parte da mídia nacional.

Após a explicitação do contexto imediato, seria interessante discutir com os alunos qual a importância de se ter conhecimento do contexto para compreender diversos enunciados e quais as diferenças sentidas por eles entre o antes e depois da explicitação do contexto, levando-os a refletir de que cada texto sempre engloba um contexto que deve ser levado em consideração. O momento de produção do texto é que, muitas vezes, trará as razões do nascimento do enunciado. No caso da charge, sabe-se que diariamente meios de comunicação de todo o mundo produzem e disseminam charges a fim de mostrar opiniões diversas acerca de assuntos que estejam “em alta”, na mídia. Assim, a charge em análise cumpre esse objetivo. Tal informação sobre a motivação do texto ajuda ainda mais na compreensão do texto e deixa claro que sempre há uma motivação, um texto não nasce do nada.

Em seguida, poder-se-ia levar os alunos a verificar a presença de discursos outros que existam na charge, no caso de que Sarney está apto a fazer qualquer coisa para ter cada vez mais poder no governo, de que Dilma está submissa ao político ao passo que ele se traveste de mulher para explicitar sua importância dentro de sua gestão a partir do dito ou outro que venha a emergir na discussão, mostrando que o texto apresenta a inerente propriedade dialógica que perpassa todo e qualquer enunciado. Toda nossa produção linguística toca na produção linguística de outros que entram nas nossas próprias. Assim, nossas palavras são nossas e carregadas das dos outros também, venha isso de maneira explícita, na forma de um discurso direto, por exemplo, ou não, como no enunciado acima.

Por fim, analisar-se-ia todos os elementos vistos individualmente enquanto juntos para que se compreenda que eles não estão separados mas formam uma unidade complexa, a qual participa, nasce e se dissemina pela sociedade.

Para avaliação, seria interessante solicitar que os alunos produzissem uma charge, levando em consideração aspectos tais como momento imediato, já que a charge nasce da temática em voga no momento de produção; vozes, uma vez que ela visa não apenas falar sobre, mas opinar, aproveitando a ocasião para exercitar a argumentação; e a integração entre elementos verbais e visuais, já que lida com as duas modalidades. A verificação seria sobre a capacidade dos alunos produzirem um texto utilizando-se do contexto dado, a forma como lidam com os diversos pontos de vista que coabitam o social e adequação linguística da variante usada para alcançar o objetivo pretendido.

Tal atividade já seria o primeiro passo para um trabalho que vise o texto em sua amplitude, saindo do meramente linguístico e normativo para ganhar contornos mais sociais, históricos e, até mesmo, significativos, ajudando no desenvolvimento de habilidades como interpretação e produção textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta pretende servir de sugestão àqueles que se interessarem em um ensino de língua que contemple questões que ultrapassam a norma e a prescrição, orientando para uma concepção de linguagem que lança olhar sobre as práticas discursivas que ocorrem em nossa sociedade. Sendo assim, pretende-se levar os alunos a evidenciar, na prática e pela análise, propriedades linguísticas outras e a própria dinâmica da linguagem, mostrando-a enquanto viva e atuante e não apenas enquanto sistema fechado e auto-suficiente.

Espera-se, pois, que seja útil não como modelo a ser seguido, porém como motivador de propostas melhores, que estejam dentro da realidade de cada sala de aula. Que seja um

inquietador e motivador para se pensar o gênero discursivo como arma que auxilie um ensino de língua materna mais situado e significativo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: 1997.

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2008b.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

_____. Humor nos quadrinhos. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: VERGUEIRO, W.; RAMA, A. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: VERGUEIRO, W.; RAMA, A. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Submetido em: Abril de 2015

Aprovado em: Setembro de 2015